



SERMÕES
— SOBRE —
A CRUZ
de CRISTO

—  —
NÓS, PORÉM, PREGAMOS CRISTO CRUCIFICADO.

1 CORÍNTIOS 1:23


—  —
RAFAEL AIRES —

PROJETO FUNDAMENTO BÍBLICO

O Projeto Fundamento Bíblico atua na evangelização, no ensino bíblico, na pregação e no discipulado, desenvolvendo, com zelo, atividades voltadas à edificação do Corpo de Cristo. A presente iniciativa busca não apenas comunicar a verdade do Evangelho, mas também formar discípulos de Cristo comprometidos com a Palavra de Deus. O Projeto Fundamento Bíblico disponibiliza sermões, cursos, estudos bíblicos, livros, e organiza conferências e promove a capacitação de obreiros e pregadores, contribuindo para o preparo de líderes firmados na sã doutrina. Desse modo, todas essas iniciativas convergem para um propósito maior: conduzir o povo de Deus à centralidade das Sagradas Escrituras, reconhecendo nelas o fundamento inabalável da fé e da prática cristã.

Sobre o Autor do Projeto

O Projeto Fundamento Bíblico foi idealizado por Rafael Aires dos Santos, escritor e formado em Teologia, com pós-doutorado em Bibliologia pela Faculdade Internacional das Assembleias de Deus, (*courses livres*). Movido por um profundo compromisso com a verdade das Sagradas Escrituras e com a proclamação fiel do Evangelho, dedica-se ao ensino bíblico, à pregação e à formação de discípulos, com zelo doutrinário e sincero propósito de conduzir vidas à centralidade de Cristo e à autoridade suprema da Palavra de Deus.

Para convites, agendamentos e demais informações, entre em contato pelo e-mail:  contato.fundamento.b@gmail.com



Acesse também o nosso site: fundamentobiblico.com

SUMÁRIO

Justificação pela fé.....	4
Está consumado – Tetelestai.....	13
Jesus a nossa Páscoa.....	19
Deus meu, Deus meu, por que me desamparastes?.....	26
As três cruzes do calvário.....	32
As sete palavras da cruz.....	39
Como participar da Ceia do Senhor de maneira digna.....	47
Os padecimentos de Cristo, o servo sofredor	54
A ressurreição de Cristo.....	61

Justificação pela Fé - (Romanos 5:1-11)

A verdade que vou expor neste momento não é lateral ou secundária; ela constitui o núcleo, é a própria essência do evangelho. A doutrina da justificação pela fé não foi apenas um tema entre outros, mas o eixo em torno do qual girou a Reforma Protestante do século 16.

A justificação pela fé é a espinha dorsal da mensagem bíblica: onde ela é corretamente compreendida, o evangelho resplandece com plena clareza.

A Carta de Paulo aos Romanos descortina diante de nós a gloriosa verdade da justificação pela fé. A partir do capítulo 3, o apóstolo Paulo passa a tratar diretamente desse tema, estabelecendo a base e o fundamento dessa doutrina ao demonstrar que a justiça vem de Deus e é recebida mediante a fé. No capítulo 4, Paulo mostra que essa verdade não é uma inovação, mas já se manifestava nas Escrituras, pois Abraão, o pai da fé, foi justificado não por obras, mas pela fé.

Por fim, no capítulo 5, o apóstolo apresenta os frutos da justificação, revelando as bênçãos que decorrem de estarmos reconciliados com Deus.

O homem não é justificado diante de Deus por suas obras. Não é aceito por sua moralidade, nem perdoado em virtude de méritos próprios; o homem é justificado pela fé. Essa afirmação atinge o coração da mensagem bíblica: a posição do pecador diante de Deus não se fundamenta no que ele faz, mas no que Cristo fez.

A ideia de que a salvação pode ser alcançada pelo esforço humano ou pelo acúmulo de boas obras está em total desacordo com o ensino das Escrituras. A Escritura é bem clara ao afirmar que a salvação procede da graça de Deus, é recebida mediante a fé e não é resultado de obras humanas.

Portanto, a salvação não é uma conquista do homem, é um presente de Deus. (Romanos 6:23) - (Efésios 2:8-9)

Para melhor compreensão desse assunto, destacaremos quatro pontos.

O primeiro ponto: o que é justificação pela fé.

O segundo ponto: a necessidade da justificação pela fé.

O terceiro ponto: a base da justificação.

O quarto ponto: os frutos da justificação.

Estaremos abordando cada ponto à luz da Palavra de Deus.

O Primeiro ponto: O que Justificação pela fé?

A justificação não é um processo gradual, mas um ato único e definitivo da graça de Deus. A justificação ocorre uma vez e não se repete mais. A justificação é uma declaração jurídica de Deus a favor do pecador que crê em Cristo.

Não existem graus na justificação: nenhum crente é mais ou menos justificado do que o outro. Todos os que creem são igualmente aceitos em Cristo, revestidos da mesma justiça perfeita. A justificação pela fé não é algo que Deus opera dentro de nós, mas é aquilo que Deus realiza por nós. Trata-se de um ato que ocorre fora de nós, no tribunal de Deus no céu, onde Deus declara justo o pecador com base exclusiva na obra de Jesus Cristo. A justificação pela fé é um ato judicial de Deus, no qual Ele declara, com base na justiça de Cristo, que todas as exigências da lei foram plenamente satisfeitas em favor do pecador. A justificação é um ato legal, uma declaração emitida no tribunal de Deus, proclamando que todo aquele que crê no Senhor Jesus já não pesa sobre ele culpa e condenação. Na justificação, Deus não nos torna justos em essência, mas nos reveste da perfeita justiça de Cristo.

Tendo visto e compreendido o que é justificação pela fé, estaremos abordando a seguir o segundo ponto.

O Segundo ponto: A necessidade da Justificação

A Bíblia declara que todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus; não há justo, nem um sequer. (Romanos 3:10) (Romanos 3:23)

Todos haveremos de comparecer perante o justo tribunal de Deus para prestar contas da nossa vida. Seremos julgados pelas nossas palavras, obras, omissões e até pelos nossos pensamentos, e o padrão exigido no tribunal de Deus é a perfeição. Diante desse critério, toda a humanidade se encontra culpada.

Por isso, Deus providenciou um substituto: o seu próprio Filho. Na cruz, Deus o Pai lançou sobre Ele os nossos pecados. Cristo foi feito pecado por nós, morreu em nosso lugar e quitou a nossa dívida. Quando cremos em Jesus, somos declarados justos diante do tribunal de Deus. Justificados, deixamos a condição de inimigos e passamos à posição de filhos, pois fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, o Senhor Jesus.

Deus é santo e o homem é pecador; portanto, nenhum ser humano pode ser justo aos olhos de Deus.

É impossível entrar no céu por esforço próprio, e ninguém jamais será aceito com base em méritos pessoais. Para o homem entrar no céu, é necessário que Deus o justifique primeiro, concedendo-lhe gratuitamente a justiça que vem de Cristo.

Para compreendermos com maior clareza a doutrina da justificação pela fé, consideremos:

(Provérbios 17:15) O que justifica o ímpio e o que condena o justo, abomináveis são para o Senhor tanto um como o outro.

Essa afirmação levanta uma pergunta profunda: como Deus pode justificar o pecador e, ainda assim, permanecer perfeitamente justo? O justo justificar o injusto é injusto. Como pode o Justo, justificar o injusto e continuar sendo justo?

A resposta encontra-se nas Escrituras, mais precisamente em: **(Romanos 3:24–25) Sendo justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus; ao qual Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue, para demonstrar a sua justiça pela remissão dos pecados dantes cometidos, sob a paciência de Deus.**

Em Cristo, a justiça de Deus não é ignorada, mas foi plenamente satisfeita. O pecado foi punido no substituto, e, assim, Deus permanece justo ao mesmo tempo em que justifica aquele que crê no Senhor Jesus. Deus só pode perdoar e justificar o pecador com plena coerência com o seu santo caráter, pois a sua justiça não pode ser negada. Sendo perfeitamente justo, Deus não ignora o pecado nem o trata com indiferença; antes, requer que sua justiça seja satisfeita. Para que o perdão fosse possível, alguém teria que morrer no lugar dos pecadores.

Na cruz, Jesus assumiu a nossa culpa, e ali a justiça de Deus o Pai foi plenamente satisfeita. Assim, Deus pode perdoar e justificar o pecador sem comprometer a sua retidão, permanecendo ao mesmo tempo justo e justificador. A justiça de Deus exigia a morte, porque o salário do pecado é a morte. Um juiz verdadeiramente justo não ignora a transgressão; mas aplica a justiça e condena o culpado. Na cruz, porém, a sentença caiu sobre Jesus Cristo, o nosso substituto, e, por isso, o culpado que crê no Senhor Jesus é absolvido, é justificado.

Em Romanos 3:24-25 o apóstolo Paulo emprega duas palavras fundamentais para explicar a obra de Cristo: redenção e propiciação. A correta compreensão desses termos ilumina o significado da cruz do Calvário.

A primeira palavra é Redenção: Redenção é o preço pago para libertação, redenção é deixar alguém livre mediante o pagamento de um preço; é a soltura de alguém mediante o pagamento de um resgate. Para entendermos a profundidade da redenção, a própria Escritura declara que Cristo veio ao mundo com um propósito definido: resgatar pecadores. Não se trata apenas de exemplo moral, mas de um resgate pago com sangue.

(Marcos 10:45) Porque o Filho do homem também não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos.

Jesus Cristo pagou o preço, assumiu a nossa culpa e comprou para Deus um povo por meio do seu sangue.

A segunda palavra que o apóstolo Paulo citou é Propiciação:

Propiciação é o sacrifício que satisfaz plenamente a justiça de Deus, removendo a culpa por meio de um substituto aceitável diante dEle. A Escritura revela que o próprio Jesus foi o sacrifício perfeito oferecido a Deus em favor dos pecadores. **(Efésios 5:2) E andai em amor, como também Cristo vos amou e se entregou a si mesmo por nós, em oferta e sacrifício a Deus, em cheiro suave.**

Na cruz, a justiça de Deus não foi anulada, mas aplicada. Os nossos pecados foram punidos em Cristo, e a sua morte foi vicária: Ele ocupou o lugar do pecador. Jesus assumiu a nossa culpa e se ofereceu como sacrifício perfeito. Diz a Escritura: **Àquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus. (2 Coríntios 5:21)**

Na cruz a justiça e a graça se encontram em perfeita harmonia revelando a profundidade da redenção realizada por Cristo.

Tendo sido esclarecido o segundo ponto, passaremos a analisar o terceiro ponto.

O Terceiro ponto: A Base da Justificação

A base da justificação não são as nossas obras, mas o sacrifício do Senhor Jesus Cristo em nosso favor na cruz. Ele morreu a nossa morte, pagou a nossa dívida e cancelou o escrito que era contra nós.

O Senhor Jesus levou em seu corpo, no madeiro, os nossos pecados; foi traspassado e moído por causa das nossas iniquidades, e o castigo que nos traz a paz estava sobre Ele

A justificação repousa inteiramente na obra perfeita e eficaz de Cristo. Não somos justificados por causa do mérito da fé, mas por causa do mérito do sacrifício de Cristo. Pela fé nos apropriamos dos benefícios da redenção. A fé é a mão estendida do mendigo que recebe o presente do Rei; a fé é a causa instrumental, e não a causa meritória. A fé é o meio pelo qual o pecador toma posse daquilo que Cristo conquistou na cruz.

Somos justificados pela fé. A fé é transferir a nossa confiança daquilo que fazemos para o que Cristo fez por nós na cruz.

Somos justificados pela fé, vivemos pela fé, andamos de fé em fé e vencemos o mundo pela fé.

Muitas pessoas têm dificuldade em compreender a relação entre fé e obras e, por isso, acabam gerando confusão. Surge então a pergunta: como devemos entender corretamente essa questão?

Alguns tentam criar uma tensão entre Paulo e Tiago, como se houvesse contradição entre eles. Paulo afirmou que a justificação é pela fé; Tiago disse que a fé sem obras é morta. Contudo, não existe nenhuma contradição entre Paulo e Tiago.

Paulo tratou da causa instrumental da justificação e ensinou que o pecador é aceito diante de Deus somente pela fé. Tiago, por sua vez, estava olhando para a evidência da justificação e mostrou que a fé verdadeira produz boas obras.

Paulo fala da raiz da salvação; Tiago fala do fruto. Somos aceitos diante de Deus pela fé em Cristo, somos reconhecidos diante dos homens pelas obras que essa fé produz. Os dois apóstolos não se contradizem — eles se complementam.

A pergunta de Paulo é: como a salvação é recebida? A resposta é: pela fé somente. A pergunta de Tiago é: como essa fé é demonstrada? A resposta é: pelas obras.

Somos salvos pela graça de Deus, mediante a fé, com um propósito definido: viver para as boas obras.

A salvação não procede das obras, mas inevitavelmente produz boas obras. As obras não são a causa da salvação, e sim o seu resultado visível dela. Como ensina a Escritura: **(Efésios 2:10) Porque somos feita sua, criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus preparou para que andássemos nelas.**

A graça que nos salva é a mesma que nos transforma, conduzindo-nos a uma vida que glorifica a Deus. Tendo compreendido a base da justificação avancemos agora para o quarto e último ponto.

O quarto ponto: Os Frutos da Justificação

O quarto ponto trata dos frutos da justificação. A justificação produz efeitos reais na vida do crente.

O primeiro fruto da justificação é paz com Deus: **(Romanos 5:1) Sendo, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus por nosso Senhor Jesus Cristo.**

Essa é a paz da reconciliação com Deus. Já não permanecemos como inimigos de Deus. A inimizade foi removida, e agora existe harmonia entre Deus e o pecador justificado. O muro que fazia separação entre nós e Deus foi derrubado.

O segundo fruto da justificação é acesso à presença de Deus: **(Romanos 5:2a) Pelo qual também temos entrada pela fé a esta graça...**

Por meio de Cristo, temos livre acesso a Deus. Quando Jesus proclamou na cruz: “Está consumado”, o véu do templo se rasgou de alto a baixo, indicando que o caminho à presença de Deus foi aberto. O crente agora se aproxima de Deus não com medo, mas com confiança, por intermédio do Senhor Jesus.

O terceiro fruto da justificação é esperança da glória. **(Romanos 5:2b) ...e nos gloriamos na esperança da glória de Deus.**

Quem foi justificado não vive dominado pelo temor da morte nem pela incerteza do futuro. Há segurança quanto à eternidade. O crente possui a firme esperança do céu, não como desejo incerto, mas como promessa garantida. A justificação presente aponta para a glorificação futura, assegurando que aquele que foi aceito por Deus hoje viverá com Ele para sempre. Quem foi justificado pela fé tem garantia do céu, quem foi justificado pela fé tem certeza que na última volta do ponteiro da vida, sua entrada no céu é certa.

Conclusão

Os frutos da justificação são paz com Deus, acesso à graça e esperança da glória. Em relação ao passado, temos paz com Deus: a culpa foi removida e a inimizade cessou. No presente, desfrutamos livre acesso à presença de Deus. Quanto ao futuro, possuímos a esperança da glória, a certeza de que participaremos da herança eterna. A justificação, portanto, envolve passado, presente e futuro. Temos paz no passado, graça no presente e glória no futuro.

O destino para o qual somos admitidos é o céu; o acesso é Cristo, e o único meio de entrada é a fé. A causa meritória da justificação é o sacrifício substitutivo de Cristo; a causa instrumental é a fé que se apropria dessa obra perfeita. A justificação pela fé é uma verdade bendita e transformadora.

Resta, porém, a pergunta decisiva: essa verdade já se tornou realidade em sua vida? Você já foi justificado por Deus?

Está Consumado - Tetelestai - (João 19.28-30)

Introdução:

Quero trazer a memória esclarecida de vocês uma exposição desse texto. O Calvário não foi um acidente, mas um plano divino, Cristo veio para morrer. Ele não morreu como um mártir, Ele voluntariamente deu a sua vida. Ele é o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. Ele é o pastor que dá a sua vida pelas ovelhas.

O Senhor Jesus Cristo foi para a cruz, não apenas porque os judeus o entregaram por inveja. Não apenas porque Judas o traiu por dinheiro. Não apenas porque Pilatos o condenou por covardia. Cristo foi para a cruz porque o Pai o entregou por amor. Cristo foi para a cruz porque ele se entregou a si mesmo por nós. O calvário é o palco da justiça de Deus, o calvário é também o palco do infinito amor de Deus: pois ali ele não poupou o seu próprio Filho para nos salvar. **(Romanos 5.8) Mas Deus prova o seu amor para conosco em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores.**

A cruz de Cristo é o nosso êxodo, é a nossa libertação. A cruz não foi uma derrota, ela é o nosso triunfo. Jesus caminhou para a cruz como um Rei caminha para sua coroação. O Senhor Jesus venceu a morte, a morte já não tem a última palavra. Cristo com sua morte tirou o agulhão da morte. Agora a palavra final não é da sepultura. Cristo entrou nas entranhas da morte e venceu a morte, e todo aquele que nele crê não será condenado, mas tem a vida eterna.

Jesus Cristo assumiu o nosso lugar como nosso representante e fiador. Ele pagou a nossa dívida, morreu em nosso lugar e abriu para nós um novo e vivo caminho de retorno ao Pai.

A cruz de Cristo é a ponte entre a terra e o céu. Nenhuma pessoa pode chegar até Deus a não ser por meio dessa ponte. Só há salvação em Jesus.

(Atos 4:12) E em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos.

O Senhor Jesus Cristo foi crucificado entre dois ladrões. E diz a Bíblia que ele foi crucificado às 9 horas da manhã daquela sexta-feira da Páscoa. Jesus transformou aquele momento que ficou na cruz, num palco da demonstração da graça de Deus, às 3 horas da tarde Jesus deu um grande brado: Está consumado.

Essa palavra no grego é Tetelestai que significa está pago. A palavra Tetelestai tinha três significados, todos os três estão correlacionados com a obra que Jesus fez na Cruz.

O primeiro significado da palavra Tetelestai, era um significado doméstico, familiar.

Quando um pai incumbia o seu filho de uma tarefa para fazer, o filho ao terminar essa tarefa, voltava para o seu pai e dizia: pai, Tetelestai, eu terminei a obra que o Senhor me confiou a fazer.

O Senhor Jesus veio ao mundo com uma missão dada pelo Pai, morrer pelos nossos pecados para nos resgatar. Quando Jesus deu aquele brado na Cruz Tetelestai, Ele estava dizendo ao Pai: terminei a obra que tu me confiaste a fazer, morrer pelos pecados da humanidade.

(1 Coríntios 15.3) Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras.

(Gálatas 1.4) O qual se deu a si mesmo por nossos pecados, para nos livrar do presente século mau, segundo a vontade de Deus e Pai nosso.

(1 Pedro 2.24) Levando, ele mesmo em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro, para que, mortos para os pecados, pudéssemos viver para a justiça; e pelas suas feridas fostes sarados.

Essas passagens revelam, de forma inequívoca, que a morte de Cristo não foi acidental, mas voluntária, substitutiva e redentora, cumprindo o eterno propósito de Deus para a salvação dos pecadores. O sacrifício de Cristo foi perfeito, suficiente e definitivo, não necessitando de repetição ou complemento.

A palavra Tetelestai tinha um segundo significado.

O Segundo significado para a palavra Tetelestai, era uma palavra comercial.

Quando alguém comprava algo, e pagava em prestações, ao quitar a dívida, a pessoa levava uma promissória e quem recebia o valor correspondente batia um carimbo, Tetelestai, está pago, está quitado, agora você não deve mais nada.

Quando Jesus deu aquele brado na cruz, Tetelestai, Ele estava dizendo: Pai, Eu estou aqui quitando a dívida de todo aquele que crê em mim.

(Colossenses 2.14) Havendo riscado a cédula que era contra nós nas suas ordenanças, a qual de alguma maneira nos era contrária, e a tirou do meio de nós, cravando-a na cruz.

O Filho de Deus tornou-se nosso representante e fiador. Quando Cristo foi à cruz, Deus lançou sobre Ele a iniquidade de todos nós. Ele foi moído pelos nossos pecados e traspassado pelas nossas iniquidades.

Jesus pegou o escrito de dívida que era contra nós, anulou-o, rasgou-o e o encravou na cruz. Ele bradou do topo da cruz: “Está consumado” Tetelestai – Está pago. Aquele que crê no Senhor Jesus está quite com a lei, está quite com a justiça de Deus, ele não deve mais nada. A nossa dívida foi paga por Jesus na cruz, e todo aquele que crê no Senhor Jesus tem a perfeita justiça de Cristo colocada em sua conta. Essa pessoa é justificada e livre da condenação eterna. Na cruz, Jesus nos justificou e nos perdoou, e também nos reconciliou com Deus, e nos deu a sua paz.

A palavra Tetelestai tinha um terceiro significado.

O Terceiro significado para a palavra Tetelestai, era um significado imobiliário.

Quando alguém comprava uma propriedade e depois de pagar tudo, era a hora dele receber o direito de posse dessa propriedade, a escritura registrada. Quando se passava a escritura registrada dessa propriedade para que a pessoa pudesse desfrutar de todos os direitos de posse, a pessoa recebia na escritura um carimbo, Tetelestai, agora essa propriedade pertence a você para desfrutar dela plenamente.

Quando o Senhor Jesus deu o brado na cruz, Ele estava dizendo: Pai, eu estou entregando a escritura registrada da vida eterna a todo aquele que crê em mim. Quando alguém se arrepende de seus pecados e crer no Senhor Jesus, essa pessoa passa a ter direito e posse da vida eterna.

(João 3.36) Aquele que crê no Filho tem a vida eterna; mas aquele que não crê no Filho não verá a vida, mas a ira de Deus sobre ele permanece.

(João 6.47) Na verdade, na verdade vos digo que aquele que crê em mim tem a vida eterna.

(1 João 5.12) Quem tem o Filho tem a vida; quem não tem o Filho de Deus não tem a vida.

A nossa redenção foi consumada na cruz do Calvário.

(Hebreus 9.12) Nem por sangue de bodes e bezerros, mas por seu próprio sangue, entrou uma vez no santuário, havendo efetuado uma eterna redenção.

Na cruz Jesus se fez redenção por nós. O que é Redenção?

Redenção é preço pago para libertação, redenção é deixar alguém livre mediante o pagamento de um preço. Fomos comprados não com prata e nem com ouro, mas com o precioso sangue de Jesus.

(1 João 2.2) E ele é a propiciação pelos nossos pecados e não somente pelos nossos, mas também pelos de todo mundo.

O que é propiciação? Propiciação é um sacrifício que satisfaz a justiça de Deus. O Senhor Jesus foi o sacrifício perfeito que satisfaz a justiça de Deus. O Senhor Jesus foi o sacrifício perfeito que aplacou a ira de Deus. Na cruz Jesus bebeu o cálice da ira de Deus em nosso lugar. Alguém tinha que morrer no lugar do pecador, esse alguém tinha que ser ao mesmo tempo Deus e Homem sem pecado. Por isso o Filho de Deus se fez carne e veio para assumir a nossa culpa, Ele veio como nosso representante e como nosso substituto.

Conclusão

(Romanos 4.25) O qual por nossos pecados foi entregue e ressuscitou para a nossa justificação.

A ressurreição de Cristo é a garantia de que Deus o Pai aceitou o sacrifício de seu Filho, em nosso lugar, em nosso favor. Os que viveram antes de Cristo foram justificados pela fé da mesma maneira que somos justificados hoje pela fé. Deus é o mesmo, e o método da salvação em ambas as dispensações também é o mesmo.

Os justos do Antigo Testamento foram salvos crendo no Cristo que haveria de vir. Nós somos salvos crendo no Cristo que já veio. Jesus morreu e ressuscitou: Para demonstrar o seu próprio amor por nós. Jesus morreu e ressuscitou: Para oferecer a base para nossa justificação. Jesus morreu e ressuscitou: Para nos reconciliar com Deus.

O brado está consumado, não foi um grito de derrota, mas a proclamação da vitória perfeita de Cristo. Na cruz, Jesus declarou que a obra da redenção foi plenamente concluída; nada ficou pendente, nada precisa ser acrescentado. O preço do pecado foi pago, a justiça de Deus foi satisfeita e o caminho da reconciliação foi aberto. Essa palavra revela que a salvação não depende do esforço humano, mas da graça que procede do sacrifício perfeito de Cristo. Descansemos na obra completa de Cristo, a dívida foi quitada.

Está consumado! Tetelestai, está pago!

Jesus a nossa Páscoa - (1 Coríntios 5:7)

Hoje meditaremos em uma das verdades mais profundas do Evangelho: Jesus a nossa Páscoa.

A mensagem da Páscoa proclama três verdades centrais e essenciais da fé cristã: Primeiro: Cristo morreu pelos nossos pecados. Segundo: Cristo ressuscitou para a nossa justificação. Terceiro: Cristo voltará para buscar sua igreja. Na mensagem da Páscoa contemplamos o coração do Evangelho, pois a cruz não foi um acidente da história, mas o cumprimento do propósito de Deus. A mensagem da Páscoa enfatiza que a morte de Cristo não foi um acidente, mas um ato de amor onde Ele se entregou pelos nossos pecados, representando a verdadeira essência da páscoa que não pode ser ofuscada.

A Páscoa é vista como um momento crucial que remete à libertação e à renovação através da ressurreição de Jesus.

Jesus se entregou voluntariamente como o verdadeiro Cordeiro, realizando a redenção que nenhuma obra humana poderia alcançar. A ressurreição de Jesus confirma a vitória sobre o pecado e inaugura uma nova vida para todos os que creem. Assim, a Páscoa é memorial de libertação, reconciliação e esperança futura. Entretanto, ao longo do tempo, o sentido espiritual da Páscoa foi sendo obscurecido por símbolos comerciais que nada comunicam sobre o sacrifício de Cristo. O que deveria apontar para redenção passou a ser reduzido a consumo, trocando-se a profundidade da mensagem da cruz por costumes passageiros.

A Páscoa foi secularizada pelo comércio. Trocaram os símbolos. O cordeiro foi substituído pelo coelho. O sangue foi substituído pelo chocolate. A libertação do cativo foi substituída pelo consumismo.

A Páscoa tornou-se apenas uma ocasião para se comprar chocolates ou presentear alguém com os ovos recheados de bombons. Quando a celebração perde o vínculo com a cruz e a ressurreição, ela se torna apenas um evento cultural vazio.

A Páscoa não é definida por tradições populares, mas pela obra consumada de Cristo. Fora dessa verdade, resta apenas aparência; dentro dela, encontramos vida, perdão e salvação.

Precisamos, com urgência, retornar às Escrituras para compreender que a verdadeira Páscoa está inseparavelmente ligada à morte de Jesus Cristo, o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. Nela contemplamos não apenas um evento histórico, mas o sacrifício vicário do Filho de Deus em favor dos pecadores. Recordar a Páscoa é lembrar que Ele padeceu em nosso lugar, levando sobre si a culpa que nos pertencia.

Contudo, a mensagem da páscoa não termina na cruz: ela culmina na gloriosa vitória da ressurreição. Cristo venceu a morte, garantindo redenção, esperança e nova vida aos que nele creem. Assim, celebrar a Páscoa é reafirmar a centralidade da obra redentora de Cristo.

A Páscoa não é a celebração do consumo, mas a celebração da salvação. A verdadeira Páscoa anuncia a pessoa e a obra de Jesus Cristo, o Cordeiro pascal, o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. A Páscoa proclama o sangue precioso de Jesus que foi vertido na cruz para a purificação dos pecadores e a reconciliação com Deus.

A Páscoa recorda-nos que o sacrifício de Jesus foi perfeito e suficiente. Ao mesmo tempo, exalta a vitória triunfante de Jesus sobre a morte ao ressuscitar dentre os mortos. Em Cristo, a Páscoa não é símbolo vazio, mas realidade viva. Em Cristo encontramos perdão, libertação e plena redenção. A páscoa fala da morte e ressurreição de Jesus, o nosso Salvador. É uma mensagem de esperança, é o brado de vitória sobre a morte.

Para uma compreensão mais clara sobre a páscoa, é necessário voltar ao Antigo Testamento, onde encontramos as raízes históricas da Páscoa. Foi ali que Deus instituiu essa celebração como memorial da sua poderosa intervenção em favor de Israel. A Páscoa é uma festa judaica que recorda a libertação do povo hebreu da escravidão no Egito, quando o Senhor manifestou seu juízo e, ao mesmo tempo, sua misericórdia.

O sangue do cordeiro, aplicado nas portas, sinalizava proteção e redenção. Assim, desde o princípio, a Páscoa aponta para livramento, substituição e graça. Esse evento não foi apenas nacional, mas profético. Ele preparava o entendimento para a redenção perfeita que se cumpriria em Cristo.

O nome, “páscoa”, vem da palavra hebraica "pessach" que significa “passar por cima”. Era realizada no dia 14 do primeiro mês de nisã, ou abibe (que seria o nosso mês abril). (Números 9:5)

A Páscoa foi inaugurada na saída histórica de Israel da longa e amarga escravidão do Egito. Um cordeiro foi imolado e seu sangue foi passado nos umbrais das portas de todos os israelitas.

Na noite em que todo primogênito egípcio foi morto, os israelitas foram poupados pelo sangue do cordeiro. A Páscoa judaica apontava para Jesus, o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo. (João 1:29)

Podemos ligar a explicação histórica da Páscoa ao seu cumprimento em Cristo lembrando que todas as figuras do Antigo Testamento encontram sua plenitude na pessoa de Jesus.

No Cenáculo, na noite em que foi traído, após celebrar a Páscoa judaica com os discípulos, Jesus instituiu a Ceia do Senhor e selou a nova aliança em seu próprio sangue.

Aquele momento marcou a transição do símbolo para o cumprimento, da sombra para a realidade.

A antiga Páscoa apontava profeticamente para Cristo, e nele encontrou pleno cumprimento.

Por isso, a fé cristã não se prende à celebração ritual judaica, mas à obra consumada do Messias que ela prefigurava. Enquanto a Páscoa judaica permanece como memorial histórico para Israel, a Igreja celebra o sacrifício perfeito do Cordeiro de Deus. Para os cristãos, a Páscoa encontra seu significado definitivo em Jesus, cujo sangue nos livra da condenação eterna. Ele é o verdadeiro Cordeiro de Deus. Ao participar do pão e do cálice, a Igreja não repete um rito vazio, mas proclama a morte do Senhor até que ele venha.

Três verdades sublimes nos são apresentadas, com a mensagem da Páscoa.

A primeira mensagem sublime que é apresentada com a mensagem da páscoa é que: Cristo morreu pelos nossos pecados.

A morte de Cristo não foi um acidente da história. Ele não sucumbiu ao poder de Roma, nem foi vencido pela traição de Judas, pela inveja do Sinédrio ou pela covardia de Pilatos. Esses atos foram reais, mas tudo estava no plano de Deus. A cruz não foi derrota, foi cumprimento. Jesus caminhou voluntariamente para o sacrifício, consciente da missão que lhe fora confiada. O Pai o entregou por amor, e o Filho a si mesmo se entregou em perfeita obediência.

Cristo não morreu como simples mártir de uma causa nobre, mas como o Redentor prometido. Sua morte foi substitutiva, expiatória e eficaz. Ele tomou sobre si a culpa dos pecadores e satisfez plenamente a justiça divina. Na cruz, amor e justiça se encontraram de modo perfeito.

Ali se consumou a obra da salvação. Jesus morreu pelos nossos pecados para que, nele, recebêssemos perdão, reconciliação e vida eterna. Deus lançou sobre ele a iniquidade de todos nós e ele carregou no seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados. Ele bebeu sozinho o cálice amargo da ira de Deus. Ele sofreu o golpe da lei em nosso lugar e satisfez completamente as demandas da justiça divina, quando suportou em nosso lugar a condenação que nossos pecados merecem.

A morte de Cristo foi substitutiva. Ele morreu como nosso fiador e representante. Ele morreu a nossa morte para nos dar a vida eterna.

A segunda mensagem sublime que é apresentada com a mensagem da páscoa é que: Cristo ressuscitou para nossa justificação.

Se a morte de Cristo não foi um acidente, sua ressurreição não foi uma surpresa. A morte não pode detê-lo. Ele entrou nas entranhas da morte, arrancou o agulhão da morte, matou a morte, ao ressurgir vitoriosamente, inaugurando a imortalidade.

A ressurreição de Cristo, quanto ao passado, é um fato histórico incontestável; quanto ao presente, é o fundamento vivo da fé cristã; e, quanto ao futuro, é a nossa bendita esperança.

A ressurreição de Cristo não é apenas memória de um milagre, mas a garantia de que a morte foi vencida de modo definitivo. Cristo ressuscitou como primícias de todos os que dormem no Senhor, assegurando que a sepultura não tem a palavra final. Sua vitória confirma a promessa da vida eterna para todos os que nele creem. Jesus ressurgiu dos mortos, e no futuro próximo, todos os mortos ouvirão sua voz e sairão dos túmulos; uns para a ressurreição da vida e outros para a ressurreição da condenação. (João 5:28-29)

Não precisamos mais ter medo da morte, pois morrer para o cristão é deixar o corpo e habitar com o Senhor. Morrer para o crente é partir para estar com Cristo. A morte não tem mais a última palavra. Ela foi tragada pela vitória. Agora os que morrem no Senhor são bem-aventurados. A ressurreição de Cristo é a garantia da nossa ressurreição.

A terceira mensagem sublime que é apresentada com a mensagem da páscoa é que: Cristo voltará para arrebatá sua igreja.

A volta de Jesus é o ápice da esperança cristã e o clímax da história da redenção. Sua vinda não é figura poética, mas promessa certa que sustenta a fé da Igreja. Jesus voltará para consumir a história, julgar as nações com justiça perfeita e manifestar plenamente o seu reino de glória. Nesse dia, todo mal será vencido e a soberania de Cristo será visível a toda a criação. Seus inimigos serão definitivamente subjugados, e seu domínio não terá fim. Então ele reinará em majestade com o seu povo redimido. Jesus virá certamente, brevemente, pessoalmente, inesperadamente, repentinamente, vitoriosamente e gloriosamente para levar sua igreja para a casa do Pai, onde não haverá mais lágrima, nem pranto nem dor.

Quando Jesus voltar, em sua majestade e glória, os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro e os que estiverem vivos serão transformados e arrebatados para encontrar o Senhor nos ares.

Teremos um corpo imortal, incorruptível, glorioso, espiritual, semelhante ao corpo da glória do Senhor Jesus. A Nova Jerusalém, o céu glorioso prometido por Deus, é o nosso verdadeiro lar. Não se trata apenas de um lugar, mas da plena comunhão com Deus.

Ali habitaremos para sempre na sua presença, livres de dor, pecado e morte. Reinaremos com Cristo em glória, participando da vitória que ele conquistou na cruz.

O maior tesouro do céu, porém, não é o ouro das ruas, mas a visão da face do Senhor Jesus. Contemplá-lo será nossa alegria suprema. E nesse deleite santo viveremos pelo desdobrar infinito da eternidade.

Conclusão

Temos essa bendita esperança porque Cristo, nossa Páscoa, foi sacrificado por nós, garantindo a vida eterna.

À luz dessa verdade, somos chamados a refletir seriamente sobre o real significado da Páscoa. Ela nos convida a abandonar distrações superficiais e a voltar o coração para o sacrifício e a ressurreição de Jesus, que constituem o fundamento da fé cristã. Não se trata de tradição cultural, mas de salvação consumada. A cruz revela o amor de Deus, e o túmulo vazio proclama sua vitória.

Esses são os pilares que sustentam nossa esperança. Assim, tudo o que foi exposto nesta mensagem aponta para a centralidade das Escrituras. Nelas encontramos a explicação clara, suficiente e gloriosa da verdadeira Páscoa.

*Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?
(Mateus 27:46)*

Hoje meditaremos em um tema solene e glorioso: Entre o silêncio do Pai e o grito do Filho. A mensagem da cruz não é um assunto lateral ou secundário, mas é o coração do Evangelho.

No Calvário a justiça de Deus foi plenamente satisfeita e, ao mesmo tempo, o amor de Deus foi revelado. Deus não poupou o seu próprio Filho, antes o entregou por nós. Na cruz de Cristo encontramos perdão, reconciliação e libertação. Olhar para a cruz é enxergar a profundidade do amor de Deus.

Voltando nossa atenção para o texto em análise, veremos a seguir a rejeição, o abandono, o desprezo e o desamparo que Jesus sofreu.

Primeiro: Jesus foi rejeitado pelos líderes religiosos de Israel

Os que conheciam as Escrituras — os principais sacerdotes, os escribas e os fariseus — foram justamente os que rejeitaram Jesus. Esses homens compunham a elite espiritual de Israel que exerciam autoridade no Sinédrio, o supremo tribunal religioso judaico. Embora estudassem a Lei e aguardassem o Messias, não reconheceram o cumprimento das profecias diante de seus próprios olhos.

(João 1:11) Veio para o que era seu, e os seus não o receberam.

Os líderes religiosos zombaram de Jesus, dizendo: **“Salvou os outros, e a si mesmo não pode salvar-se” (Mateus 27:42).**

Aqueles que deveriam conduzir o povo à verdade tornaram-se instrumentos de rejeição. Assim se cumpriu o que estava escrito: **“A pedra que os edificadores rejeitaram tornou-se a cabeça da esquina” (Salmo 118:22).**

O Cristo rejeitado pelos líderes religiosos de Israel permaneceu escolhido e exaltado por Deus. A liderança religiosa de Israel, em vez de reconhecer o Messias, escarneceu dele. O conhecimento sem a fé produziu neles cegueira espiritual. Jesus foi rejeitado pelos líderes religiosos de Israel.

Diante de Jesus, eles preferiram preservar sua posição a reconhecer o Messias. Seus lábios, acostumados a recitar textos sagrados, agora se levantavam em escárnio contra o Filho de Deus. Todavia o Filho rejeitado pelos homens permanece exaltado pelo Pai, e sua glória não pode ser anulada pela rejeição humana.

Segundo: Jesus foi abandonado pelos seus discípulos

Aqueles que caminharam com Jesus também fugiram. No momento em que Jesus foi preso no Getsêmani, os discípulos fugiram, deixando Jesus sozinho, sendo assim abandonado por seus discípulos. Diz a Escritura: **Então, os discípulos, deixando-o, fugiram todos. (Mateus 26:56).** Todavia tudo isso aconteceu para que se cumprisse a Escritura.

(Mateus 26:31) Então disse-lhes Jesus: Esta noite todos, vós vos escandalizareis por causa de mim; porque está escrito: Ferirei o pastor, e as ovelhas do rebanho se dispersarão.

No momento da prisão de Jesus, a lealdade dos discípulos se dissolveu. Cristo entrou sozinho na hora mais escura. O Pastor foi ferido, e as ovelhas se dispersaram, como anunciado em Zacarias 13:7. A fraqueza dos discípulos destacou a firmeza do Salvador. Jesus não foi apenas rejeitado pelos líderes religiosos de Israel. Jesus não foi apenas abandonado pelos seus discípulos. Jesus foi também desprezado pelo povo.

Terceiro: Jesus foi desprezado pelo povo.

A multidão que antes o seguia por causa dos milagres agora se afastava com indiferença e desprezo. A mesma multidão que, na entrada triunfal em Jerusalém, clamou: “Hosana! Bendito o que vem em nome do Senhor”, pouco tempo depois, diante de Pilatos, trocou o louvor pelo ódio e gritou: “Crucifica-o, crucifica-o”. Assim se revelou a instabilidade do coração humano. A multidão que havia celebrado Jesus como Rei agora o desprezava, tratando-o como um criminoso. Contudo, mesmo cercado pelo desprezo do povo, Cristo prosseguiu firme, pois sua missão não dependia do aplauso das multidões, mas da vontade do Pai.

Jesus, o Filho de Deus foi desprezado pelos homens. A multidão que antes o seguia voltou-se contra Ele, e assim cumpriu-se o que estava escrito em: **(Isaías 53:3) Era desprezado e o mais rejeitado entre os homens, homem de dores e experimentado nos trabalhos.**

Em vez de gratidão, a multidão ofereceu zombaria. O inocente foi tratado como culpado. A humanidade caída rejeitou o único que podia salvá-la, revelando a profundidade do pecado do ser humano. Após ter suas mãos e pés cravados na cruz, suportando uma dor que transcendia todo sofrimento humano, Jesus se viu desprezado até mesmo pelos ladrões crucificados ao seu lado. Um deles, imerso em incredulidade e zombaria, levantou sua voz contra o Filho de Deus.

(Lucas 23:39) E um dos malfeitores que estavam pendurados blasfemava dele, dizendo: Se tu és o Cristo, salva-te a ti mesmo, e a nós.

É impressionante perceber que, mesmo à beira da eternidade, um dos ladrões preferiu zombar de Cristo a se arrepender. Sua voz se uniu ao coro de escárnio que ecoava ao redor da cruz.

Cristo, inocente, era ridicularizado por culpados; o Santo era insultado por pecadores. A humanidade caída mostrava ali sua face mais cruel: rejeitar o único que podia salvá-la. Todavia, mesmo cercado pelo escárnio e pela rejeição dos homens, Jesus permaneceu fiel ao plano do Pai, carregando sobre si o peso do nosso pecado. O escárnio e a zombaria do povo não impediram Jesus de manifestar sua graça. Mesmo cercado de insultos, Cristo seguia oferecendo salvação, e na última volta do ponteiro da vida o ladrão que estava à direita de Jesus se arrependeu e foi salvo.

Depois de Jesus ter sido escarnecido, rejeitado, abandonado e zombado pelos homens, no ápice da cruz, Jesus foi desamparado pelo Pai.

Na cruz, em meio às trevas e à dor extrema, Jesus bradou: **“Eli, Eli, lama sabactâni? isto é, “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? (Mateus 27:46)**

Naquele momento o universo inteiro se contorceu de dores. O sol escondeu o seu rosto. As trevas inundaram a terra. Cristo se fez pecado por nós. Ele foi feito maldição por nós. Ele foi desamparado pelo próprio Pai. Deus o Pai puniu o nosso pecado nele. Jesus bebeu sozinho o cálice da ira de Deus. Por um breve momento, Deus Pai permitiu que Seu Filho Jesus experimentasse o desamparo na cruz, para que, por meio desse sacrifício, nós pudéssemos ser amparados eternamente.

Na cruz, a Escritura se cumpriu: **“Mas o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos” (Isaías 53:6b)**. Na cruz, Cristo não apenas suportou a dor e a zombaria; Ele carregou o peso de todos os nossos pecados. Jesus tomou o nosso lugar, recebendo sobre si aquilo que nós merecíamos. Ele se fez pecado por nós. **(2 Coríntios 5:21a) Àquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós.**

Na cruz, o amor de Deus se manifestou em sua forma mais sublime. Na cruz Jesus se fez maldição por nós.

(Gálatas 3:13) Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se maldição por nós; porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado em madeiro.

Esse versículo afirma que Jesus assumiu sobre si a consequência da maldição que o pecado trouxe sobre a humanidade. A “maldição da lei” refere-se à penalidade que a Lei de Deus impunha ao pecado: que no caso é a morte e a separação de Deus. Jesus sendo desamparado pelo Pai na cruz levanta-se uma pergunta:

Por que Jesus foi desamparado pelo Pai?

Substituição penal – Jesus tomou o lugar do pecador. Ele não tinha pecado, mas assumiu o nosso pecado. Quando Jesus assumiu o nosso pecado na cruz, Deus o Pai puniu o nosso pecado no seu Filho. A ira de Deus que era para cair sobre nós pecadores, caiu sobre Jesus na cruz porque ele assumiu o nosso pecado tornando-se o nosso representante e substituto.

Por que Jesus foi desamparado pelo Pai?

Cumprimento da Lei – A Lei exigia a morte para o pecador. Jesus, ao se tornar “maldição” por nós, cumpre a exigência da Lei perfeitamente, para que nós pudéssemos ser libertos da condenação. O desamparo que Jesus teve do Pai não foi abandono definitivo, foi momentâneo, foi necessário para que a justiça de Deus fosse plenamente satisfeita.

O Pai desamparou o seu Filho por um instante para que eu e você fôssemos amparados para sempre. Jesus foi desamparado pelo Pai na cruz porque carregava sobre si a maldição do pecado, de modo que nós pudéssemos ser reconciliados com Deus. O desamparo que Jesus sofreu na cruz é o ápice da substituição penal: Ele experimentou a separação que merecíamos, para nos dar vida eterna.

Conclusão

Após Jesus render o espírito, o povo saiu do calvário batendo no peito e lamentando. Todavia a cruz não foi uma derrota. Ela é o nosso triunfo. Na cruz Jesus nos justificou e nos perdoou e nos reconciliou com Deus, e nos deu a sua paz. A cruz de Cristo é a nossa morte para o pecado.

Eu conclamo você a entregar sua vida hoje a Jesus.

Jesus é o Único Salvador, a única maneira de ser reconciliado com Deus é através do Senhor Jesus Cristo. Sem Jesus você está perdido e perecerá eternamente no inferno, se você não crê em Jesus, a bíblia diz que você já está condenado.

(João 3:18) Quem crê nele não é condenado, mas quem não crê já está condenado, porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus.

As Três Cruzes do Calvário - (Lucas 23:33)

Introdução

À luz deste texto, meditaremos no seguinte tema: As três cruzes do calvário.

Jerusalém estava em festa por ocasião da Páscoa, quando a cidade foi profundamente sacudida pela notícia de que Jesus havia sido preso. Aquele que operara milagres e ensinava com autoridade agora era conduzido como malfeitor. Naquela sexta-feira pela manhã, Jesus foi levado diante de Pilatos, que, examinando-o, reconheceu claramente a sua inocência.

Desejando livrar-se da responsabilidade, Pilatos enviou Jesus a Herodes. Este, após interrogá-lo e escarnecê-lo, tornou a remetê-lo a Pilatos, sem encontrar culpa alguma nele. Então Pilatos apresentou ao povo Jesus e Barrabás, perguntando qual dos dois deveria ser solto. Movida por inveja e instigada pelos principais dos sacerdotes, a multidão clamou pela libertação de Barrabás e exigiu a crucificação de Jesus.

Por fim, Pilatos, lavando as mãos diante do povo, declarou-se inocente do sangue daquele justo. Contudo Pilatos contrariando a própria consciência e cedendo à pressão do povo, entregou Jesus para ser crucificado. Inicia-se, então, a dolorosa jornada rumo ao Calvário. A multidão comprimia-se pelas ruas estreitas de Jerusalém, enquanto os soldados, com dureza, conduziam Jesus para fora das muralhas da cidade. Entre empurrões, insultos e escárnios, o Cordeiro de Deus seguia em silêncio.

Fora da cidade, em um lugar chamado Calvário — que em hebraico se diz Gólgota, isto é, Caveira — levantaram a cruz e ali o crucificaram. Naquele cenário de dor e vergonha, consumava-se o mais sublime ato de amor da história: o Justo sendo entregue pelos injustos.

À direita de Jesus estava um malfeitor; à sua esquerda, outro malfeitor. Assim, o Filho de Deus foi crucificado entre dois ladrões, sendo contado com os transgressores, em cumprimento das Escrituras. Como está escrito em **Isaías 53:12** “... e com os transgressores foi contado; mas ele levou sobre si o pecado de muitos, e pelos transgressores intercedeu.”

Desse modo, cumpriu-se fielmente a profecia do Antigo Testamento, pois aquele que era santo e justo tomou o lugar dos pecadores, identificando-se com a humanidade caída para realizar a obra da redenção. Contudo, Jesus não ocupava a cruz do meio por ser o maior pecador, pois nele não houve pecado. Jesus foi crucificado no meio de dois malfeitores. Jesus estava na cruz do centro porque ele levou sobre si os nossos pecados. Ele morreu pelos nossos pecados, e também, porque ele divide os homens em dois grupos: os que o rejeitam e os que o recebem. As duas cruzes, do lado direito, e do lado esquerdo de Jesus representam duas escolhas, dois destinos, duas eternidades:

A cruz do meio representa a salvação. A cruz da esquerda representa a rejeição. A cruz da direita representa a aceitação. Isso é apenas um retrato do que vai acontecer na história da humanidade, de um lado tem um que se arrepende, do outro lado tem outro que se mantém rebelde.

Diante da cena solene do Calvário, onde três cruzes se erguem, somos convidados a refletir sobre uma verdade profunda. Ali, no monte da Caveira, encontra-se o centro da história da humanidade e o ponto decisivo da eternidade. Na cruz do meio está o Filho de Deus; do lado direito, um coração arrependido; do lado esquerdo, um coração endurecido.

Entre dois culpados, está o único inocente. Entre dois destinos eternos, encontra-se o único e suficiente Salvador, plenamente poderoso para redimir e salvar todo pecador que nele crê.

Tendo contemplado o cenário do Calvário e compreendido que ali se levantaram três cruzeiros, é necessário agora dirigir nossa atenção ao ponto central daquela cena.

Primeiramente, vejamos a cruz do meio.

A cruz do meio representa a salvação. Ela não estava no centro por acaso, nem por mera coincidência histórica. A cruz do meio ocupa o lugar de destaque porque ali estava o Filho de Deus, o cumprimento das promessas, o Cordeiro que tira o pecado do mundo. Antes de olharmos para as reações dos dois malfetores, precisamos fixar os olhos naquele que está no centro, pois é dele que procede a salvação.

Na cruz do meio está o Salvador. Ali está o Criador do universo, o Senhor dos senhores e o Rei dos reis. Surge, então, uma pergunta solene: por que Jesus não foi crucificado à direita ou à esquerda, mas precisamente na cruz do centro? Não foi acaso, nem mera decisão humana. A posição central revela uma verdade espiritual profunda: Cristo é o eixo da história e o Juiz de todos os homens. Os dois ladrões representam a própria humanidade caída. Ambos eram culpados, ambos estavam condenados, ambos simbolizam a condição universal do homem diante de Deus. Como afirma a Escritura: **“Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus.” (Romanos 3:23)**

Nenhum de nós é moralmente superior àqueles que estavam na cruz da direita ou da esquerda. Todos nós somos igualmente necessitados da graça que flui da cruz do meio. Jesus estava na cruz do meio porque ele assumiu o seu, o meu, o nosso pecado. Jesus estava na cruz do meio porque Deus lançou sobre ele a iniquidade de todos nós. Jesus estava na cruz do meio porque ele carregou sobre o madeiro, no seu corpo os nossos pecados.

Jesus estava na cruz do meio porque ele se identificou com você e comigo, ele se fez pecado por nós, ele se fez maldição por nós. Jesus estava na cruz do centro porque diz a bíblia que o Pai o entregou por amor, o Pai não poupou seu próprio Filho, antes por todos nós o entregou. Jesus não foi para a cruz porque Judas o traiu por ganância. Jesus não foi para a cruz porque os Judeus por inveja o entregaram a Pilatos. Jesus não foi para a cruz porque Pilatos covardemente o sentenciou à morte. Jesus não foi para a cruz porque os soldados de forma cruel o prenderam. Jesus foi para a cruz voluntariamente, como bom pastor que dá a vida pelas suas ovelhas.

Jesus foi para a cruz para beber o cálice da ira de Deus em nosso lugar. O Senhor Jesus Cristo é a única esperança de você ser perdoado e salvo. Você não pode ser salvo pelas suas obras ou pelos seus méritos. Por isso precisamos olhar para Jesus. Todo aquele que se arrepende dos seus pecados e crê no Senhor Jesus tem a vida eterna.

Voltemos agora o nosso olhar para a cruz da esquerda.

A cruz da esquerda representa a rejeição. Na cruz da esquerda também há uma mensagem solene que precisa ser considerada.

Se na cruz do meio contemplamos a graça de Deus, na cruz da esquerda veremos a tragédia de um coração que permaneceu endurecido diante do Salvador. Apesar de ser um pecador condenado à morte aquele que estava à esquerda de Jesus, rejeitou-o e rejeitou na hora da morte, e rejeitou na última volta do ponteiro da vida. Nada é mais perigoso do que ouvir a verdade, contemplar o Salvador e, ainda assim, rejeitá-lo. Mais grave ainda é permanecer na incredulidade na última hora da vida, quando já não há tempo para novas oportunidades. Rejeitar Cristo diante da luz é selar a própria condenação.

Nada é mais grave do que conhecer a verdade e, ainda assim, rejeitar Cristo. Pior ainda é fazê-lo na última hora da vida, quando não há mais oportunidade de arrependimento. Rejeitar o Salvador é decidir pela própria condenação. O ladrão da esquerda disse para Jesus: **“Se tu és o Cristo, salva-te a ti mesmo e a nós” (Lucas 23:39)**. Esse pedido para que Jesus descesse da cruz foi insensato e contrário ao plano eterno de Deus. Ao exigir livramento imediato, ele demonstrava não compreender que a cruz era justamente o caminho estabelecido para a redenção. Se Cristo tivesse descido da cruz, todos nós desceríamos ao inferno.

Voltemos agora o nosso olhar para a cruz da direita.

A cruz da direita representa a aceitação pela fé. O homem que ali estava também se encontrava condenado, sofrendo a justa penalidade por seus crimes. É importante destacar que inicialmente ambos os malfeitores insultavam Jesus. **(Mateus 27:44)**

Isso torna a cena ainda mais impactante, pois revela que houve uma mudança real no coração daquele que, mais tarde, se arrependeu. Surge, então, a pergunta: o que levou o ladrão da direita ao arrependimento? Embora o texto não detalhe cada passo desse processo, é possível perceber que, ao contemplar a postura de Cristo na cruz, intercedendo em favor daqueles que o insultavam. Em Lucas 23:34, lemos a primeira palavra de Jesus na cruz: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem”. Enquanto era maltratado, zombado e escarnecido, Jesus não proferiu palavras de vingança, mas de intercessão. Essa manifestação de graça em meio à dor certamente tocou o coração daquele homem, levando-o ao reconhecimento de sua culpa e à fé no Salvador.

Quebrantado e convencido de sua própria culpa, aquele homem já não falava com ironia, mas com fé. Seus lábios, antes marcados pela zombaria, agora expressam humilde confiança no Salvador. Voltando-se para Jesus, disse: **“Senhor, lembra-te de mim, quando entrares no teu Reino” (Lucas 23:42)**. Na última hora de sua vida, no instante final de sua existência terrena, ele reconheceu que somente Cristo podia salvá-lo. E, como resposta àquela fé sincera, Jesus garantiu a salvação daquele homem, declarando: **“Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso” (Lucas 23:43)**

Conclusão

À luz da cena solene no Calvário, extraímos verdades que não podem permanecer apenas na reflexão, mas precisam alcançar o coração. Quero, portanto, concluir apresentando duas aplicações práticas que emergem do texto e que falam diretamente à nossa vida hoje.

Primeira aplicação: a salvação não é pelas obras, mas exclusivamente pela graça de Deus. Se dependesse de méritos humanos, aquele malfeitor jamais poderia ser salvo, pois viveu toda a sua vida no crime e nada tinha a oferecer a Deus.

Contudo, ao arrepender-se e crer, recebeu gratuitamente a promessa da vida eterna.

Isso nos ensina que, se alguém se arrepender sinceramente até mesmo na hora final — no leito de enfermidade ou à beira da morte — será salvo pela graça de Cristo. Por outro lado, uma pessoa pode ser considerada um bom cidadão, um religioso exemplar, um pai dedicado, um profissional respeitável; ainda assim, se não se arrepender e não crer no Senhor Jesus, morrerá em seus pecados e será condenado ao inferno.

A salvação não é resultado do que fazemos para Deus, mas do que Deus fez por nós na cruz.

Não é conquista humana, é dádiva divina; não é recompensa por esforço, é presente da graça mediante a fé.

Segunda aplicação: a salvação é imediata.

No momento em que aquele homem se arrependeu e clamou: Senhor, lembra-te de mim quando entrares no teu Reino. Recebe prontamente a resposta de Cristo: “Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso”. Não ocorreu espera, manifestou-se graça imediata ao pecador arrependido.

Jesus foi crucificado às nove horas da manhã e, por volta das três horas da tarde, entregou o seu espírito ao Pai. No instante em que rendeu o espírito, entrou na glória. Da mesma forma, quando o ladrão arrependido expirou, imediatamente esteve com Cristo no Paraíso. Assim também ocorre com todo crente salvo: ao deixar este mundo, seu espírito entra imediatamente na presença do Senhor.

Estamos, portanto, diante da cruz do meio. Ali se definem dois destinos, duas escolhas, duas eternidades. Não sabemos o que será do amanhã. Se amanhã pode ser o dia da morte, que hoje seja o dia do arrependimento e da entrega sincera ao Senhor Jesus Cristo.

As Sete Palavras da Cruz - (Lucas 23: 34)

Introdução:

O Senhor Jesus Cristo foi crucificado entre dois malfeitores, cumprindo as Escrituras que já anunciavam que Ele seria contado com os transgressores. **Isaías 53:12** “... e com os transgressores foi contado.

Marcos 15:25, “E era a hora terceira, e o crucificaram”, isto é, às nove horas da manhã daquela sexta-feira da Páscoa.

O Filho de Deus estava sendo julgado como um criminoso. Contra Ele levantaram duas acusações gravíssimas: blasfêmia contra Deus, segundo o tribunal religioso judaico, e conspiração contra César, perante o poder romano. Assim, o poder religioso e o poder político uniram forças para condenar à morte de cruz o próprio Autor da vida. Aquele que jamais pecou foi tratado como culpado; o Justo foi sentenciado como injusto. Entretanto, nada ocorreu fora do soberano propósito divino, pois Cristo entregava-se voluntariamente para cumprir o plano da redenção.

Quando o Senhor Jesus foi pregado na cruz, entre a hora terceira e a hora nona — das nove da manhã às três da tarde —, conforme registram os Evangelhos, Ele suportou dores intensas, sede profunda e extremo sofrimento. Contudo, em vez de amaldiçoar Seus algozes, manifestou graça, misericórdia e perfeita submissão ao Pai. Naquele cenário de dor, a cruz tornou-se o palco da redenção, e dali o Salvador proferiu sete palavras que revelam o coração do Evangelho.

É desse importante tema que vamos tratar a seguir: As sete palavras da cruz.

A primeira palavra proferida por Jesus da cruz: Foi a palavra do Perdão

(Lucas 23:34) Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem.

Antes de ser crucificado, o Senhor Jesus foi cruelmente açoitado. Cuspiram em Seu rosto, escarneceram d'Ele e o feriram, dizendo com zombaria: “Profetiza, Cristo, quem é o que te bateu” (Lucas 22:64). Colocaram-Lhe sobre a cabeça uma coroa de espinhos, e, depois de o espancarem, conduziram-no ao Calvário, onde foi pregado na cruz. Seu corpo estava dilacerado, sangrando e exausto; a dor era intensa, a sede abrasadora, e o sofrimento indescritível.

Todavia, naquele cenário de extrema agonia, Jesus profere Sua primeira palavra: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem”. Em vez de juízo, Ele oferece intercessão; em vez de condenação, suplica perdão. Não apenas ora por Seus executores, mas atenua-lhes a culpa, declarando que agiam em ignorância. Que amor incomparável! Que graça superabundante! Que perdão glorioso concedido a pecadores indignos! É por causa desse perdão que temos viva esperança diante de Deus.

Destacamos aqui três verdades preciosas:

Primeiro: Jesus não retribui o mal com o mal, mas vence o mal com o bem.

Segundo: Jesus intercede ao Pai em favor daqueles que tramam Sua morte.

Terceiro: Jesus demonstra misericórdia ao reconhecer a ignorância espiritual de Seus algozes.

A aplicação aqui é clara e necessária: devemos seguir o exemplo de Cristo. Assim como Ele perdoou os que o crucificaram, também nós somos chamados a perdoar uns aos outros.

A primeira palavra da cruz foi a palavra do perdão, e essa mesma disposição deve governar o coração de todo verdadeiro discípulo de Cristo.

Após contemplarmos a primeira palavra proferida por Jesus da cruz, passaremos agora a considerar a segunda palavra proferida por Jesus da cruz.

A segunda palavra proferida por Jesus da cruz: Foi a palavra da Salvação

(Lucas 23:43) Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso.

A Escritura afirma em Mateus 27:44 que ambos os salteadores crucificados com Jesus o injuriavam. Entretanto, o relato de Lucas 23:40-42 revela que um deles foi alcançado por profunda convicção. Aquele homem, pendurado na cruz e à beira da eternidade, reconheceu a justiça de sua própria condenação — “nós, na verdade, com justiça” porque nossos feitos merecerem. Declarou também a absoluta inocência de Cristo — “este nenhum mal fez”. E reconheceu Jesus como Senhor e Rei expressando sua fé no Salvador ao suplicar: “Senhor, lembra-te de mim, quando entrares no teu Reino”.

Vemos aqui arrependimento sincero, fé verdadeira e esperança depositada unicamente no Senhor Jesus. Diante da súplica daquele homem Jesus pronunciou a segunda palavra da cruz, a palavra da salvação: “Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso”. Aquele que fora transgressor da lei recebe, pela graça, a promessa da vida eterna. No último instante de sua existência terrena, foi salvo exclusivamente pela misericórdia de Deus.

Dessa cena extraímos duas verdades solenes.

Primeiro: Ninguém que se volte a Cristo com arrependimento sincero será rejeitado. Como afirmou o Senhor em João 6:37, “o que vem a mim de maneira nenhuma o lançarei fora”.

Segundo: A salvação é exclusivamente pela graça de Deus. Aquele homem não possuía boas obras, pois vivera à margem da lei; e, ainda que as tivesse, elas não poderiam salvá-lo, porque ninguém é justificado por obras, mas somente pela graça mediante a fé em Cristo. A segunda palavra da cruz proclama que ainda há esperança para o pecador e que a salvação é obra exclusiva da graça de Deus.

Tendo contemplado a segunda palavra da cruz, passaremos agora à terceira palavra, na qual o amor de Cristo se manifesta em cuidado e ternura mesmo em meio à dor.

A terceira palavra proferida por Jesus da cruz: Foi a palavra do cuidado

(João 19:26-27) Mulher, eis aí o teu filho... Eis aí tua mãe.

Essa palavra expressa cuidado e responsabilidade mesmo em meio à dor. Ao ver Sua mãe e o discípulo a quem amava junto à cruz, Jesus disse: “Mulher, eis aí o teu filho”; depois, ao discípulo: “Eis aí tua mãe”. E, desde aquela hora, o discípulo a recebeu em sua casa. Provavelmente José marido de Maria já havia falecido, e os irmãos de Jesus — Tiago, José e Judas — ainda não criam n’Ele, vindo a fazê-lo somente após a ressurreição.

Mesmo em meio às dores excruciantes da cruz, Jesus não estava voltado para Si, mas para os outros. Sua terceira palavra revela zelo, responsabilidade e honra filial. Ele assegura amparo à Sua mãe, demonstrando que a verdadeira espiritualidade não negligencia os deveres familiares.

A cruz também nos ensina sobre cuidado. Aqui aprendemos uma verdade essencial para o bem-estar do lar: o cuidado mútuo. Filhos devem honrar e amparar seus pais; pais devem amar, instruir e acompanhar seus filhos. Cuidar vai além de suprir necessidades materiais; envolve presença, atenção e dedicação. Nenhum sucesso material compensa o fracasso da família, e jamais podemos edificar o sucesso material sobre os escombros do lar.

Jesus nos ensina a ordenar corretamente as prioridades: primeiro Deus, depois a família e, por fim, as demais coisas. A primeira palavra da cruz foi de perdão; a segunda, de salvação; a terceira, de cuidado. E agora contemplaremos a quarta palavra da cruz.

A quarta palavra proferida por Jesus da cruz: Foi a palavra do desamparo

(Mateus 27:46) Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?

Naquele momento solene da cruz, Jesus foi feito pecado por nós e levou sobre Si a maldição que nos era devida. A Escritura declara que Ele “levou em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro” (1 Pedro 2:24).

Deus, em Sua justiça santa, puniu o pecado em Seu próprio Filho, que se ofereceu como nosso Substituto. Por isso, na quarta palavra da cruz, Cristo clamou: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” O Pai não o amparou naquele instante, porque sobre Ele estava o peso da nossa culpa. Como profetizou Isaías 53:10, “ao Senhor agradou moê-lo, fazendo-o enfermar”.

Jesus bebeu o cálice da ira divina em nosso lugar. Aqui está o coração do Evangelho: Deus permaneceu justo e, ao mesmo

tempo, justificou o pecador, porque Cristo satisfez plenamente as exigências da Lei.

Se Jesus tivesse descido da cruz, não haveria salvação. Ele foi desamparado para que fôssemos amparados eternamente. A salvação é gratuita para nós, mas custou o sangue e a vida do Filho de Deus. Compreender o que ocorreu na cruz nos leva a valorizar, com temor e gratidão, tão grande salvação.

Tendo contemplado a quarta palavra da cruz, passaremos agora a considerar a quinta palavra, na qual Cristo revela, mais uma vez, a profundidade de Seu sofrimento e o cumprimento perfeito das Escrituras.

A quinta palavra proferida por Jesus da cruz: Foi a palavra da agonia física de Jesus

(João 19:28) “Tenho sede.”

Na quinta palavra da cruz, ao dizer “Tenho sede”. Jesus revelou Sua verdadeira humanidade. Em vez de aliviarem Seu sofrimento com água, ofereceram-Lhe vinagre, intensificando ainda mais Sua aflição, cumprindo as Escrituras. Naquele momento, o Criador do universo sofria de maneira única e incomparável, pois não estava apenas suportando a dor da crucificação, mas carregando sobre si o peso dos pecados da humanidade. Os dois malfeitores crucificados ao seu lado sofriam por seus próprios crimes; Cristo, porém, sofria pelos pecados da humanidade. Seu sofrimento foi incomparável, porque era vicário e redentor.

Na cruz, Jesus sofreu fisicamente, suportando a dor do suplício; sofreu moralmente, enfrentando zombaria e desprezo; e sofreu espiritualmente, ao carregar sobre si a culpa da humanidade. Assim, até mesmo em sua sede, contemplamos a profundidade do amor daquele que se entregou por nós.

Tendo considerado a quinta palavra da cruz, passemos agora à sexta palavra, onde contemplamos a declaração triunfante da obra redentora plenamente consumada.

A sexta palavra proferida por Jesus da cruz: Foi a palavra do triunfo e da vitória

(João 19:30) “Está consumado.”

A sexta palavra da cruz é a palavra do triunfo e da vitória. Ao declarar “Está consumado”. Jesus proclama que a obra da redenção foi plenamente realizada. No original grego, a expressão tetelestai carrega a ideia de algo concluído e pago integralmente. Ao bradar essas palavras, Cristo afirmou que cumpriu perfeitamente a missão que o Pai lhe confiara: oferecer-se em sacrifício pelos nossos pecados. A dívida que pesava contra nós foi quitada. Nada ficou pendente. Na cruz, nossa culpa foi paga e a justiça de Cristo é imputada a todo aquele que crê. O pecador é justificado e liberto da condenação eterna. A redenção foi consumada no calvário. Tetelestai — está pago. A sexta palavra da cruz declara que a obra da redenção foi plenamente realizada.

Tendo ouvido o brado de vitória — “Está consumado” —, passemos agora à sétima e última palavra da cruz, na qual o Salvador entrega seu espírito ao Pai, selando com confiança perfeita a obra que acabara de concluir.

A sétima palavra proferida por Jesus da cruz: Foi a palavra de rendição e entrega

(Lucas 23:46) “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito.”

A obra de Jesus foi consumada na cruz. Após declarar “Está consumado”, Ele entrega-se plenamente ao Pai, dizendo: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito”.

Cristo realmente morreu, e morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, cumprindo fielmente o plano da redenção.

Ao entrar nas profundezas da morte, Ele não foi vencido por ela; antes, venceu-a. Ao morrer, arrancou o agulhão da morte e triunfou sobre ela pela sua ressurreição gloriosa. Aquele que se entregou voluntariamente ressurgiu dentre os mortos, tornando-se o nosso eterno e glorioso Redentor.

Conclusão

As sete palavras da cruz revelam a plenitude da obra redentora de Cristo. Nelas contemplamos perdão para os inimigos, salvação para o pecador arrependido, cuidado para a família, substituição no desamparo, humanidade no sofrimento, vitória na consumação e confiança na entrega ao Pai. Cada palavra manifesta um aspecto glorioso do amor divino e do plano da redenção. Assim, da primeira à sétima palavra, vemos que a cruz não foi derrota, mas triunfo. Ali, o Filho de Deus realizou tudo o que era necessário para a nossa salvação.

Resta-nos, portanto, crer, agradecer e viver para a gloria de Deus.

Como Participar da Ceia do Senhor de Maneira Digna - (1 Coríntios 11: 27-29)

A Ceia do Senhor representa a verdadeira comunhão com o corpo e o sangue de Cristo, como nos ensina (1 Coríntios 10:16) **O cálice de bênção, porventura, não é a comunhão do sangue de Cristo? O pão, porventura, não é a comunhão do corpo de Cristo?”**

A Ceia do Senhor não se trata de um simples rito, mas de um ato sagrado de adoração e comunhão espiritual. É um momento para lembrar, com reverência, o sacrifício de Cristo, proclamando sua morte até que venha. É também ocasião para renovar a esperança na sua segunda vinda, pois participamos da mesa olhando para a cruz e aguardando o Seu retorno glorioso. Além disso, é tempo de realizar um sincero autoexame, sondando o coração, confessando pecados e discernindo o corpo do Senhor. A Ceia do Senhor está centralizada na morte expiatória de Cristo e em Seu sacrifício vicário.

Conforme ensina 1 Coríntios 11:26, ao participarmos do pão e do cálice, anunciamos a morte do Senhor até que venha. Portanto, é a cruz de Cristo e não o egoísmo humano que ocupa o centro dessa celebração.

O sangue de Cristo é o selo da nova aliança, como o próprio Senhor Jesus declarou (Lucas 22:20). Por meio desse sangue precioso, Deus concede perdão, reconciliação e livramento da ira vindoura. Assim, a Ceia não exalta o homem, mas glorifica o Redentor que se entregou para nos salvar. Portanto, não podemos nos assentar à mesa sem fixar os olhos no sacrifício expiatório de Cristo. A cruz de Cristo é o centro dessa celebração.

O tema que iremos considerar é: Como participar da Ceia do Senhor de maneira digna. A Ceia do Senhor é uma proclamação de quatro verdades essenciais da fé cristã.

Destacaremos a seguir quatro pontos que o apóstolo Paulo ensinou acerca da Ceia do Senhor e que ainda hoje devemos observar sempre que nos reunimos ao redor da mesa do Senhor.

Devemos olhar para trás, contemplando o sacrifício de Cristo.

Devemos olhar para frente, aguardando a vinda de Cristo.

Devemos olhar para dentro de nós, realizando sincero autoexame.

Devemos olhar ao nosso redor, discernindo o corpo do Senhor e preservando a comunhão.

Para compreender melhor, analisemos agora essas quatro verdades essenciais que orientam nossa participação de maneira digna na Mesa do Senhor.

Em primeiro lugar: Devemos olhar para trás

Quando participamos da Ceia, devemos olhar para trás, para a cruz de Cristo. Conforme ensina 1 Coríntios 11:26, todas as vezes que comemos o pão e bebemos o cálice, anunciamos a morte do Senhor até que venha. A Ceia é, portanto, um memorial solene do sacrifício de Cristo. Na noite em que foi traído ao tomar o pão, Jesus declarou: “Isto é o meu corpo, que por vós é partido; fazei isto em memória de mim” (1 Coríntios 11:23-24). Jesus ordenou que a igreja jamais se esquecesse de sua morte. Devemos lembrar por que Cristo morreu — por nossos pecados. Como Cristo morreu — em sacrifício substitutivo. E por quem Cristo morreu — por pecadores indignos. Na Ceia recordamos que o Senhor Jesus levou em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados.

Na Ceia lembramos que o Senhor Jesus assumiu a nossa culpa, tomou nosso lugar e, com seu sangue precioso, nos comprou para Deus.

Na Ceia recordamos que o Senhor Jesus se fez redenção por nós, e pagou o preço pela nossa libertação. Na Ceia recordamos que o Senhor Jesus foi a propiciação pelos nossos pecados, recordamos que Ele foi o sacrifício perfeito que satisfaz a justiça do Pai. Assim, a Ceia nos conduz ao calvário. Ela aponta para o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo e nos chama a contemplar, com gratidão e reverência, a grandeza da obra consumada na cruz.

Em segundo lugar: Devemos olhar para frente

Quando participamos da Ceia do Senhor, não olhamos apenas para trás, mas também para frente. Como está escrito em: 1 Coríntios 11:26, “Porque, todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice, anunciais a morte do Senhor, até que venha.” A Ceia é memória da cruz, mas também proclamação da esperança futura. A Ceia aponta para a segunda vinda de Cristo, há um clima de expectativa em toda celebração da Ceia do Senhor. Ao mesmo tempo em que recordamos o sacrifício perfeito de Cristo, renovamos a certeza de que Jesus breve voltará. A segunda vinda do Senhor é a bendita esperança da Igreja. A Ceia aponta para trás, para a morte expiatória de Jesus, e aponta para frente, para a Sua gloriosa volta. A Ceia é o elo entre as duas vindas de Cristo: atrás, aponta para a morte de Jesus; à frente, aponta para a sua volta.

Em terceiro lugar: Devemos olhar para dentro

Quando participamos da Ceia do Senhor, não devemos apenas olhar para trás, para a cruz, e para frente, para a volta de Cristo; devemos também olhar para dentro de nós.

O apóstolo Paulo adverte em 1 Coríntios 11:28, “Examine-se, pois, o homem a si mesmo, e assim coma deste pão e beba deste cálice.” A ordem é clara: autoexame sincero antes da participação da ceia do Senhor. Examinar-se é sondar o coração, julgar a própria vida à luz da Palavra e confessar pecados diante de Deus. Observe que Paulo não diz para se afastar da mesa, mas para se examinar e então participar. Não devemos fugir da Ceia por causa do pecado; devemos fugir do pecado por causa da Ceia. Na Ceia, corremos do pecado para Deus, e não de Deus para o pecado. O pecado é maligno e destrutivo; pode endurecer o coração e afastar o homem da comunhão com Deus. Por isso, devemos tratá-lo com seriedade, lembrando que “o salário do pecado é a morte.” Fuja do pecado e aproxime-se de Deus com temor, arrependimento e fé.

O pecado é a mais profunda maldição sobre a humanidade; ele é maligno em sua essência e supera todas as adversidades que podemos enfrentar, sendo mais devastador do que a doença, mais cruel do que a fome e mais pesado do que qualquer tribulação. Enquanto enfermidades, necessidades e provações não têm poder para nos separar do amor de Deus, o pecado, por sua natureza, pode interromper nossa comunhão com Deus nesta vida e, se não houver arrependimento, o pecado conduzirá à separação eterna da presença de Deus. Comer do pão e beber do cálice sem autoexame é participar indignamente.

Em quarto lugar: Devemos olhar ao nosso redor

Quando participamos da Ceia do Senhor, olhamos para trás, contemplando o sacrifício de Cristo, olhamos para frente, aguardando a segunda vinda de Cristo; olhamos para dentro, em sincero autoexame; e devemos também olhar ao nosso redor.

O apóstolo Paulo escreveu: “Portanto, meus irmãos, quando vos ajuntais para comer, esperai uns pelos outros” (1 Coríntios 11:33).

Paulo ensina que a Ceia exige unidade, consideração e amor fraternal. A Ceia é momento de comunhão com Cristo e com os irmãos. Não podemos nutrir mágoa, ressentimento ou divisão no coração, pois isso fere o propósito da celebração da Ceia. A participação na Ceia é um grande privilégio e também uma enorme responsabilidade. Não se trata de um banquete comum. O pão e o cálice não alimentam o corpo, mas fortalecem a fé. Participamos da Ceia não por mérito próprio, mas revestidos da justiça de Cristo. Comer e beber sem discernimento e sem autoexame é profanar aquilo que é santo.

Como Participar da Ceia do Senhor de Maneira Digna

À luz de 1 Coríntios 11:27–29, destacaremos três verdades fundamentais para participarmos da Ceia do Senhor de maneira digna.

Em primeiro lugar: Para participar da Ceia do Senhor de maneira digna devemos reconhecer que nossos pecados foram julgados na cruz de Cristo. Participar dignamente não é apresentar méritos pessoais, mas ter consciência da própria indignidade.

Nossa única dignidade está em saber que nada merecemos e que tudo, recebemos pela graça de Deus.

Participamos corretamente da Ceia quando compreendemos que nossos pecados foram punidos no corpo de Cristo, que Ele morreu em nosso lugar para nos libertar da condenação e nos purificar da culpa. Não podemos nos aproximar da mesa do Senhor, sem reconhecer que foi por causa das nossas transgressões que Jesus foi pregado na cruz e derramou Seu precioso sangue.

A Ceia nos chama à humildade, ao arrependimento e à gratidão, pois somente aqueles que reconhecem sua culpa valorizam verdadeiramente a grandeza do sacrifício de Cristo.

Em segundo lugar: Para participar da Ceia do Senhor de maneira digna devemos reconhecer que necessitamos ser continuamente sustentados por Cristo. A obra consumada na cruz nos libertou da condenação do pecado, mas dependemos diariamente da graça do Salvador para vencer o poder do pecado em nossa vida. Não podemos viver deliberadamente no pecado e, ao mesmo tempo, participar dignamente da Ceia do Senhor.

Como poderíamos nos deleitar naquilo que levou o Filho de Deus à cruz? A Ceia nos chama à santidade, à dependência e a uma vida coerente com o sacrifício de Cristo.

Em terceiro lugar: Para participar da Ceia do Senhor de maneira digna devemos reconhecer que precisamos amar e perdoar os irmãos que conosco comungam na mesma mesa. A mesa do Senhor é lugar de comunhão, reconciliação e unidade. Não podemos celebrar o amor de Cristo enquanto cultivamos no coração sentimentos de ódio, inveja ou ressentimento. É pecado assentar-se à mesa do Senhor desprovido de amor fraternal. Se abrigarmos repulsa contra aqueles por quem Cristo também morreu, estaremos participando indignamente da Ceia do Senhor.

A Ceia nos chama a ter o mesmo sentimento que houve em Cristo Jesus, conforme está escrito em: Filipenses 2:5. Se houver amargura no coração, ao participarmos da Ceia, haverá fraqueza em nós, em vez de força. Haverá morte entre nós, em vez de vida.

Conclusão

A Ceia do Senhor nos conduz, primeiramente, ao passado, à cruz do calvário, onde Cristo entregou a sua vida por nós. Ao partirmos do pão e bebermos do cálice, proclamamos que sua morte foi substitutiva, suficiente e redentora, lembrando-nos do grande preço pago por nossa salvação.

A Ceia do Senhor também nos direciona ao presente, pois Cristo se faz espiritualmente presente no meio do seu povo, fortalecendo a fé e a comunhão daqueles que Nele crê.

Por fim, a Ceia aponta para o futuro, pois ao anunciarmos a morte do Senhor “até que Ele venha”, renovamos nossa esperança na segunda vinda de Cristo.

A Ceia do Senhor nos convida a uma reflexão profunda e sincera.

Olhe para trás e contemple o sacrifício de Cristo; olhe para frente e renove a esperança na Sua vinda; olhe para dentro de si e examine o próprio coração; olhe ao seu redor e valorize a comunhão com os irmãos.

Os Padecimentos de Cristo — O Servo Sofredor (Isaías 53.1-12)

Introdução

O capítulo 53 do livro do profeta Isaías é uma das mais profundas profecias acerca do Messias. Escrito cerca de setecentos anos antes do nascimento de Cristo, o profeta Isaías descreveu com riqueza de detalhes os sofrimentos de Cristo.

O texto revela não apenas a dor física, mas o peso espiritual que Cristo carregaria. Ao contemplarmos essa passagem, somos conduzidos ao calvário e compreendemos que nada do que aconteceu com Jesus foi por acaso. Seus padecimentos foram parte do eterno plano redentor de Deus.

Quero convidá-los a refletir sobre o tema: Os padecimentos de Cristo, o servo sofredor.

A Escritura relata que Cristo o Filho de Deus deixou a glória, o trono, esvaziou-se, tornou-se homem, servo, foi perseguido, preso, açoitado, cuspidor, pregado na cruz. Sendo Deus se fez homem; sendo Senhor, se fez servo; sendo Santo, se fez pecador; sendo bendito se fez maldição; sendo o autor da vida, deu a sua vida. O texto de Isaías 53 revela, com profunda clareza profética, os padecimentos do Messias prometido.

Antes, porém, de considerarmos o que Jesus sofreu e suportou, impõe-se uma pergunta essencial à luz das Escrituras Sagradas: Quem levou Jesus à cruz?

A morte de Cristo não foi determinada por fatores circunstanciais. Cristo não foi morto porque os sacerdotes o prenderam, porque o Sinédrio o sentenciou, porque Pilatos o entregou, porque os Judeus o acusaram, porque Judas o traiu, porque Pedro o negou, porque os soldados o pregaram na cruz.

Quem levou Jesus à cruz, então? Com nossa atenção voltada ao texto de Isaías 53, quero destacar três verdades solenes.

Primeiro: Os nossos pecados levaram Jesus à Cruz.

- V. 5a – “Mas ele foi ferido pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades”.

- V. 8b – “Porquanto foi cortado da terra dos vivos e pela transgressão do meu povo, foi ele atingido”.

- V. 12c – “Mas ele levou sobre si o pecado de muitos”.

Os versículos que mencionamos mostram claramente que os nossos pecados levaram Jesus à cruz. Jesus morreu pelos nossos pecados. Ele foi moído pelas nossas transgressões. Na cruz Jesus foi feito pecado por nós. A espada da lei caiu sobre ele, pois Ele era o nosso substituto e representante.

Quem levou Jesus à cruz?

Segundo: O Pai levou Jesus à cruz.

- V. 4b – “e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus e oprimido”.

- V. 6b – “O Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós”.

- V. 10a – “Todavia, ao Senhor agradou moê-lo, fazendo-o enfermar”.

Jesus não foi à cruz porque a multidão gritou: crucifica-o, crucifica-o. Jesus não foi à cruz porque os sacerdotes o entregaram, por inveja; porque Judas o traiu, por ganância; porque Pilatos o sentenciou por covardia e os soldados o pregaram na cruz por crueldade. Jesus foi à cruz porque o Pai o entregou por amor.

Quem levou Jesus à cruz?

Terceiro: Jesus voluntariamente foi à cruz.

- V. 4a – “Verdadeiramente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores, levou sobre si”.

- V. 10b – “quando a sua alma se puser por expiação do pecado”.

- V. 11 – “O trabalho da sua alma ele verá e ficará satisfeito, com o seu conhecimento o meu servo, o Justo, justificará a muitos, porque as iniquidades deles levará sobre si”.

O texto de Isaías 53 mostra claramente que: os nossos pecados levaram Jesus à cruz; o Pai levou Jesus à cruz; e Jesus voluntariamente foi à cruz.

Tendo compreendido quem levou Jesus à cruz, passaremos a ver, a seguir, os padecimentos de Cristo.

Que tipo de sofrimento Jesus sofreu e suportou? Para melhor compreensão do ensino de **Isaías 53**, destacaremos três pontos fundamentais acerca dos padecimentos de Cristo.

Primeiro ponto: Jesus sofreu rejeição e foi desprezado.

V. 3a “Era desprezado e o mais indigno entre os homens”.

O texto Sagrado declara que o sofrimento de Cristo não despertou compaixão nos homens. O Santo Filho de Deus foi alvo de desprezo, enfrentando a dor da rejeição humana. Jesus foi rejeitado, ignorado e tratado como alguém sem valor. Jesus foi rejeitado pelo seu povo. “Ele veio para os seus, mas os seus não o receberam”. (João 1:11)

Jesus foi rejeitado pelos religiosos da sua época que lhe chamaram de fanático, mentiroso, blasfemo, pecador, beberrão e até endemoninhado. Jesus foi rejeitado pela mesma multidão que o aplaudiu empolgada com seus milagres, agora a mesma multidão gritava diante de Pilatos: crucifica-o, crucifica-o! Jesus foi rejeitado pelas autoridades romanas. Herodes, o grande quis matá-lo quando ainda era criança. Pilatos covardemente o entregou para ser crucificado. Herodes, Antipas escarneceu dele.

Jesus foi rejeitado pelas autoridades judaicas. O sinédrio forjou testemunhas falsas para acusá-lo. Acusaram-no de blasfemo. Cuspiram no seu rosto.

Segundo ponto: Jesus sofreu Humilhação.

V.3b “Como um de quem os homens escondiam o rosto, era desprezado, e não fizeram dele caso algum”.

O Santo Filho de Deus sofreu o peso da humilhação pública. O Sinédrio humilhou Jesus cuspiendo nele.

Os soldados humilharam Jesus, rasgando o Seu corpo com fortes açoites, colocando sobre a sua cabeça uma coroa de espinhos e dando-Lhe pancadas na cabeça. Jesus foi humilhado

ao ter que carregar uma cruz pelas ruas agitadas de Jerusalém ao lado de dois ladrões.

Jesus foi humilhado pela multidão ao pé da cruz. Ele foi humilhado até a morte e morte de cruz. Jesus foi humilhado quando clamou que estava com sede e lhe deram vinagre para agravar sua tortura.

Terceiro ponto: Jesus sofreu fisicamente; Ele padeceu torturas cruéis.

V.5a “Mas ele foi ferido”.

O corpo de Jesus foi ferido. Ele ficou ensanguentado. Seu corpo tornou-se cheio de hematomas e chagas. Poderiam contar todos os seus ossos... (Salmos 22:17).

Na noite em que o Senhor Jesus foi preso, sua alma esteve angustiada até a morte. Sendo o Libertador, foi preso; sendo Santo, foi tratado como criminoso; sendo o Criador, foi cuspidor pela criatura. Açoitado cruelmente pelos soldados romanos, teve o corpo dilacerado e a fronte ferida pela coroa de espinhos. Com o rosto ensanguentado, iniciou a caminhada para o calvário, carregando sobre os ombros a cruz, instrumento de Sua própria morte.

Entre zombarias, quedas e empurrões, prosseguiu firme, suportando dores intensas, mas determinado a cumprir a vontade do Pai. No Calvário, suas mãos e pés foram cravados na cruz. Durante seis horas esteve suspenso entre o céu e a terra, sofrendo sede, dor, vergonha e abandono. Então, o universo pareceu estremecer: houve trevas sobre a terra, as rochas se fenderam e os sepulcros se abriram. Assim, o Filho de Deus consumava a obra da nossa redenção, revelando a gravidade do

pecado e a grandeza do amor divino. Isaías 53.5 diz que Jesus foi ferido.

Ferimentos, de acordo com a definição de um cirurgião, podem ser classificados segundo suas características:

Contusão: É uma ferida produzida por instrumento grosso e sem corte. Esta ferida resultaria de um golpe com vara, como profetizado em Miquéias 5.1: “Ferirão com a vara no queixo ao juiz de Israel.” O cumprimento pode ser observado em: Mateus 27:30 – “E, cuspido nele, tiraram-lhe a cana e batiam-lhe com ela na cabeça.”

Laceração: É um ferimento produzido por instrumento que rasga. A laceração dos tecidos era resultado dos açoites romanos.

O chicote romano consistia em tiras de couro com várias extremidades, e, em cada uma delas, havia ponteiras de metal e pedaços de ossos. Como está escrito em João 19.1: “Pilatos, pois, tomou então a Jesus e mandou açoitá-lo.” O corpo de Jesus foi profundamente lacerado; e Sua carne foi cruelmente rasgada.

Penetração: Trata-se de um ferimento profundo causado por instrumento pontiagudo. Esse ferimento foi provocado pela coroa de espinhos, que fez sangrar a Sua cabeça, conforme registrado em João 19:2.

Perfuração: Perfurar significa “passar através de”.

As mãos e os pés de Jesus foram traspassados, cumprindo o que estava profetizado em Salmos 22.16: “Traspassaram-me as mãos e os pés.” Os cravos de ferro foram cravados entre os ossos, separando-os sem os quebrar, confirmando também o testemunho de João 20.25, onde se menciona “o sinal dos cravos”

Incisão: É um corte produzido por instrumento pontiagudo e cortante.

Conforme está registrado em João 19.34: “Contudo, um dos soldados lhe furou o lado com uma lança, e logo saiu sangue e água.”

Diante de todo o sofrimento que padeceu Jesus não abriu a boca para pedir vingança contra os seus algozes. Como está escrito em Isaías 53.7b: “como a ovelha muda perante os seus tosquiadores, ele não abriu a boca.” Além de suportar o sofrimento em silêncio, Jesus intercedeu por aqueles que o feriam. A Escritura declara em Isaías 53.12b: “levou sobre si o pecado de muitos e pelos transgressores intercedeu.”

Em vez de vingar-Se ou proferir palavras de maldição, Jesus manifestou graça e compaixão. Ele intercedeu por seus ofensores, revelando amor e perdão. Conforme registrado em Lucas 23.34: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem.”

Jesus se entregou como sacrifício. A morte de Cristo foi substitutiva. Ele foi à cruz em nosso lugar. Jesus não tem pecado: “nunca fez injustiça, nem dolo algum se achou em sua boca” (Isaías 53: 9b). Jesus venceu a morte. Ele tirou o aguilhão da morte. A morte agora não tem a última palavra. Jesus ressurgiu. Ele está vivo. Ele venceu a morte. Ele abriu o túmulo de dentro para fora. Ele conquistou para nós imortalidade. Jesus nos comprou com seu sangue. Ele tirou-nos da maldição, da escravidão, do império das trevas, do jugo do pecado. Agora somos livres, somos filhos de Deus.

Eu conclamo você, venha a Cristo hoje. Rejeitar Jesus é crucificá-lo de novo. É cuspir no seu rosto outra vez. Cristo suportou tudo para salvar você. Ele te ama e provou seu amor na cruz do calvário morrendo em seu lugar. Venha a Cristo hoje e obtenha o perdão de seus pecados e a vida eterna.

A Ressurreição de Jesus - (Mateus 28:5-6)

Introdução

A melhor notícia que o mundo já ouviu procede do túmulo vazio de Jesus. A ressurreição de Cristo não apenas marcou o triunfo definitivo sobre a morte, mas também se tornou o fundamento e o berço da Igreja. Foi a partir dessa gloriosa vitória que a fé cristã se firmou e a mensagem do evangelho começou a ser proclamada com poder ao mundo. Pregamos não um Cristo que esteve vivo e agora está morto, mas pregamos um Cristo que esteve morto e agora vive eternamente, reinando em glória.

A morte é frequentemente chamada de o “rei dos terrores”, pois desde a queda tem causado temor e aflição à humanidade.

Contudo, Cristo é o Rei dos reis e o Senhor soberano sobre todas as coisas. Por meio de sua morte e ressurreição, Ele venceu definitivamente o poder da morte e triunfou sobre ela. Jesus arrancou o aguilhão da morte. Aquilo que antes parecia invencível foi derrotado pelo Salvador. Assim, a morte não tem mais a palavra final para os redimidos, pois Cristo abriu o caminho para a vida eterna.

As Escrituras revelam que chegará o dia em que a própria morte será definitivamente destruída. Conforme está escrito: **(Apocalipse 20:14) E a morte e o inferno foram lançados no lago de fogo.** Dessa forma, a vitória de Cristo será plenamente manifestada, e o seu reino triunfará para sempre.

A ressurreição de Cristo é a demonstração do supremo poder de Deus.

Veremos, a seguir, três pontos de suma importância acerca da ressurreição de Jesus.

Primeiro: A importância da ressurreição

A ressurreição de Jesus Cristo é o fundamento central da fé cristã. Ela confirma que o sacrifício de Cristo na cruz foi aceito por Deus e que a vitória sobre o pecado e a morte foi plenamente realizada. Sem a ressurreição, o evangelho perderia seu poder, a fé cristã seria vazia e a esperança da vida eterna não teria base segura. A ressurreição comprova que Jesus é verdadeiramente o Filho de Deus e o Salvador prometido nas Escrituras. Por meio dela, os crentes recebem a certeza de que a morte não tem a última palavra e de que há vida eterna para todos os que creem em Cristo. Sem a ressurreição de Cristo, a fé cristã perderia seu fundamento essencial, tornando-se apenas um sistema religioso sem esperança viva, reduzido a um mero museu de lembranças do passado.

Em 1 Coríntios 15:14-19, o apóstolo Paulo declarou que, sem a ressurreição de Cristo: nossa fé seria vã; nossa pregação seria inútil; nossa esperança seria vazia; nosso testemunho seria falso; nossos pecados não seriam perdoados; e seríamos os mais miseráveis de todos os homens. Sem a ressurreição de Cristo, a morte teria a última palavra, e a esperança da vida eterna seria apenas uma ilusão, incapaz de consolar o coração humano diante da realidade do túmulo. Sem a ressurreição de Jesus, o Cristianismo seria o maior engano da história, uma grande farsa construída pelos cristãos. Os mártires teriam entregado sua vida por uma mentira, e o mundo teria sido influenciado por uma falsa esperança. Contudo, a verdade gloriosa proclamada pelas Escrituras é esta: Cristo ressuscitou dentre os mortos. A grande diferença entre o Cristianismo e as demais religiões do mundo é que o túmulo de Jesus está vazio. Ele ressuscitou. Pode-se visitar os túmulos de líderes religiosos como Buda, Confúcius, Allan Kardec, que seus restos mortais estarão lá.

Mas o túmulo de Jesus permanece vazio. Ele venceu a morte e vive para todo o sempre, conforme testifica a Palavra de Deus.

Segundo: A evidência da ressurreição de Jesus

A ressurreição de Jesus é um fato histórico. Ao longo da história, muitos procuraram desacreditar a ressurreição de Jesus. Alguns afirmaram que Ele não chegou realmente a morrer na cruz e que, ao ser colocado no sepulcro, apenas desmaiara e depois voltou a si. Outros sustentaram a ideia de que os discípulos teriam furtado o corpo de Jesus. Há ainda quem alegue que as mulheres se dirigiram ao túmulo errado. Entretanto, tais explicações não conseguem resistir a uma análise cuidadosa do testemunho registrado nas Escrituras. Depois de ressuscitar, Jesus apareceu a várias pessoas em diferentes ocasiões, confirmando a realidade de sua vitória sobre a morte.

Após a ressurreição, Jesus apareceu:

A Maria Madalena – João 20:14-18

Às outras mulheres – Mateus 28:9-10

A Pedro – Lucas 24:34; 1 Coríntios 15:5

Aos dois discípulos no caminho de Emaús – Lucas 24:13-31

Aos apóstolos sem Tomé – João 20:19-23

Aos apóstolos com Tomé – João 20:26-29

A sete discípulos no Mar da Galileia – João 21:1-14

A mais de quinhentos irmãos de uma só vez – 1 Coríntios 15:6

A Tiago – 1 Coríntios 15:7

Ao apóstolo Paulo de Tarso – 1 Coríntios 15:8; Atos 9:3-6

A Estêvão – Atos 7:55-56

A João na Ilha de Patmos – Apocalipse 1:10-18

Essas diversas aparições constituem um testemunho sólido das Escrituras acerca da ressurreição de Jesus, demonstrando que Ele verdadeiramente venceu a morte e vive para todo o sempre.

Terceiro: O impacto e o significado da ressurreição de Jesus

A ressurreição de Jesus produziu um impacto profundo e transformador na história da humanidade. Por meio dela, ficou evidente que Cristo venceu o pecado, a morte e o poder das trevas, confirmando plenamente a verdade de sua mensagem e de sua obra redentora. A ressurreição não apenas comprovou que Jesus é o Filho de Deus, mas também trouxe ao mundo a viva esperança da vida eterna para todos os que nele creem. Além disso, a ressurreição fortaleceu a fé dos discípulos e impulsionou a proclamação do evangelho ao mundo. Aqueles que antes estavam dominados pelo medo passaram a anunciar com ousadia que Cristo vive. Assim, a ressurreição continua sendo o fundamento da fé cristã e a garantia da vitória final dos que pertencem a Cristo. A ressurreição confirma que Jesus é o Filho de Deus. A ressurreição declara que Jesus é verdadeiramente o Filho de Deus e o Salvador prometido, conforme afirma a Escritura: **“Declarado Filho de Deus em poder... pela ressurreição dos mortos” (Romanos 1:4)**

A ressurreição comprova que o sacrifício de Cristo foi aceito por Deus. Ao ressuscitar Jesus dentre os mortos, Deus confirmou que o sacrifício realizado na cruz foi suficiente para a redenção dos pecadores.

(Romanos 4:25) O qual por nossos pecados foi entregue e ressuscitou para nossa justificação.

A ressurreição de Jesus garante a vitória sobre a morte. A ressurreição demonstra que Cristo venceu a morte e retirou o seu poder.

(1 Coríntios 15:54-57) E, quando isto que é corruptível se revestir da incorruptibilidade, e isto que é mortal se revestir da imortalidade, então cumprir-se-á a palavra que está escrita: Tragada foi a morte na vitória. Onde está, ó morte, o teu agulhão? Onde está, ó inferno, a tua vitória? Ora, o agulhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei. Mas graças a Deus, que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo.

A ressurreição de Jesus é a base da fé cristã. Sem a ressurreição, a fé cristã não teria fundamento. Por isso, o apóstolo Paulo afirma: “E, se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé” (1 Coríntios 15:17). A ressurreição de Jesus garante a ressurreição dos salvos. Assim como Cristo ressuscitou, aqueles que pertencem a Ele também ressuscitarão para a vida eterna.

(1 Coríntios 15:20-22) “Mas, de fato, Cristo ressuscitou dentre os mortos e foi feito as primícias dos que dormem. Porque, assim como a morte veio por um homem, também a ressurreição dos mortos veio por um homem. Porque, assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo.

A ressurreição de Jesus produz uma viva esperança no coração do crente. A ressurreição de Jesus concede aos crentes a certeza da vida eterna e de uma herança incorruptível.

(1 Pedro 1:3) Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, segundo a sua grande misericórdia, nos gerou de novo para uma viva esperança, pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos.

A mensagem da ressurreição anuncia que a morte foi vencida e que há salvação para todo aquele que se volta para Deus com fé e arrependimento.

Hoje é o momento de aproximar-se de Cristo, confiar em sua obra na cruz e receber a vida eterna que Ele oferece.